INÊS

© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
INÊS

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2026 (1.ª edição)
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



A Inês gosta de verde e detesta amarelo e por isso este livro tem uma capa verde, que não é coisa de grande importância, dirão alguns, acontece, contudo, que o amor também se mede por estas pequenas atenções, sobretudo quando nas maiores nem sempre soubemos acertar.

Sei que a Inês não vai concordar com muito do que aqui escrevi, que a sua memória terá outras verdades e que talvez se surpreenda ao encontrar uma mulher com o seu nome a viver uma vida que não reconhece totalmente como sua. Depois vai rir-se, porque tem essa bondade rara de não exigir à ficção que diga a verdade, nem à verdade que seja sempre do seu agrado.

Fomos casados, continuamos amigos e talvez seja essa a nossa maior felicidade, termos descoberto que o fim de um casamento não tem de ser o fim de uma história, nem sequer o fim da alegria de a continuarmos a contar um ao outro.

Prólogo

A Inês endireitou-me a gravata e eu baixei a cara para a beijar. Ela ofereceu-me a face, porque já tinha posto batom e continuou a acertar o nó com os dedos enquanto eu esperava que acabasse para lhe dizer que estava bonita. Tinha as mãos mornas. Ao afastar-se, descobriu um pêlo no meu ombro, retirou-o e ficou a vê-lo na unha, com uma atenção que me pareceu excessiva até eu próprio me pôr a olhar.

Sacudiu-o para o chão.

— Depois aspira-se.

Íamos a uma festa. Sobre a cama estavam as pérolas da avó, que ela experimentara junto da garganta antes de se calçar, deixando-as correr de uma mão para a outra até encontrar os extremos. Eu gostava de a ver escolher o que levava. Naqueles preparativos, podia aproximar-me e ser chamado a ver uma prega que ela mal alcançava ou ficar apenas no quarto enquanto a Inês passava por mim, suficientemente habituada à minha presença para me pedir que saísse da frente.

Na sala, a echarpe continuava por passar.

Oferecera-me para tratar dela enquanto ela se vestia. Havia uma dobra que a incomodava e o ferro ficara ao lado, pronto a ligar; eu fora acabar uma leitura, para a não levar comigo durante a festa e quando a Inês apareceu já de vestido tive de lhe explicar que aquilo aquecia depressa. Liguei-o. Depois fui atrás dela, porque a vira pegar nas pérolas.

Lembro-me bem dessa parte. A Inês levou o colar ao pescoço, com uma mão atrás da nuca e deixou as pérolas assentarem sobre a pele. Quis saber se eram as da avó. Disse que sim, sem deixar de se ver e eu permaneci ali, satisfeito por a ter encontrado naquele instante em que ainda podia experimentar outra coisa, embora já gostasse do que escolhera.

— Tu não ias passar aquilo?

Era uma pergunta simples. Respondi que o ferro estava a aquecer.

Durante os anos em que vivemos juntos, houve muitas ocasiões em que a Inês me apareceu assim, a meio de uma coisa sua e eu pude ficar a vê-la sem precisar de anunciar que gostava dela. Ao escrever este livro, comecei mais de uma vez por lhe atribuir a mesma satisfação. Conhecia-lhe o riso, sabia onde a mão dela viria acertar-me o colarinho; parecia-me suficiente para continuar a frase.

O manuscrito ficou por acabar durante mais de dez anos. Retomei-o em 2026, quando já tínhamos casas separadas e continuávamos a encontrar-nos. Algumas páginas li-lhas. A Inês ouviu, por vezes mandou-me voltar atrás e eu voltei com a esperança de que, à segunda leitura, ela reconhecesse o que eu tinha querido dizer. Nem sempre quis ouvir a segunda leitura.

Naquela noite, passei a echarpe. A dobra resistiu o bastante para eu me demorar nela depois de a Inês dizer que já estava bom. Queria entregá-la bem passada, sobretudo depois de a ter feito esperar e insisti numa zona que só se via quando eu inclinava a cabeça para a luz. Ela ficou junto da tábua, com as pérolas na mão.

— Eu queria sair à hora que combinámos.

Disse-lhe que nas festas as pessoas chegavam a horas diferentes. Tínhamos ainda a noite toda. Ela continuou a olhar para mim até eu desligar o ferro.

Depois fui buscar o casaco. Quando regressei, a Inês experimentava a echarpe sobre os ombros e eu quis recuperar o momento em que me arranjara a gravata, chegar-me à sua face antes de sairmos, talvez fazê-la rir com uma coisa que me ocorresse. Disse-lhe de novo que estava bonita. Agradeceu e tirou a echarpe para acabar de pôr o colar.

Recebi o pano sobre o braço. Ela levava a mala apertada contra a anca e procurava o fecho atrás do pescoço, deixando escapar um extremo que tornou a agarrar. Dei um passo. A Inês virou-se de costas para mim.

— Fechas-me o colar?

Meti a chave no bolso. Ela levantou o cabelo com as duas mãos e baixou um pouco a cabeça, enquanto eu aproximava os extremos para ver como prendiam.

1

O CAPACETE

Porto, junto à scooter

— Vou dar uma volta.

A Inês segurava o capacete por dois dedos e procurava a chave no bolso do casaco. A scooter estava junto ao passeio, com a roda da frente virada para a entrada. Eu viera ajudá-la com uma caixa de livros, que só era preciso levar até ao fundo do corredor; quando puxei pelas pegas, o cartão abriu mais um pouco e o fundo começou a ceder. Tornei a pousá-la no degrau.

— Tens de lhe pegar por baixo — disse ela.

— Já vi. Eu levo-a.

As luvas que eu tirara estavam sobre uma das abas e a porta aberta prendia a outra contra os livros. Precisava de soltar a aba antes de levantar a caixa e ainda procurava maneira de o fazer sem me ajoelhar quando a Inês me chamou.

— Olha o que a Helena me mandou.

Depois de pousar o capacete no assento, tirara o telefone e mostrava-mo com a mensagem aberta. O reflexo da rua atravessava o ecrã, que inclinei até conseguir ler.

"Inês, estamos a combinar uma leitura pequena na livraria. Cada pessoa escolhe um texto para ler em voz alta. Somos poucos, uma coisa amadora, mas pode aparecer quem quiser ouvir. Lembrei-me de ti. Gostavas de ler connosco? O dia ainda está por marcar."

Li até ao fim e voltei ao princípio. A Inês esperava com a chave finalmente fora do bolso, segura pelo polegar e pelo indicador.

— Apetece-te?

— Apetece. Depois ponho-me a pensar nas pessoas todas a olhar para mim.

— Ela diz que são poucos.

— Poucos… poucos… mas também olham.

A Inês sorriu e eu ri-me, contente por me ter mostrado o convite, já a imaginá-la a ler numa livraria diante de desconhecidos. Lembrei-me de uma tarde em casa, quando ainda vivíamos juntos e discutíramos uma

palavra para descrever um casaco gasto; depois ela lera o trecho seguido e eu quisera saber para quem era a carta que o homem levava.

— Já lhe respondeste?

— Ainda estou a pensar. Gostei que ela se lembrasse de mim.

Devolvi-lhe o telefone e ela tornou a ler a mensagem, sem escrever nada, antes de o guardar no bolso interior do casaco.

— Se fores por cima, sais mais depressa daqui — disse eu.

Ela olhou para a esquina.

— Ainda nem sei para onde vou.

— Por cima apanhas logo a rua larga. Evitas os semáforos lá de baixo.

— Por cima também há semáforos.

— Antes de lá chegares. Estou a dizer depois do cruzamento.

Mostrei-lhe a direcção com o braço. Dali só se via a esquina próxima e a traseira de um carro coberta de pó e eu tinha na cabeça o resto do caminho, tantas vezes o fizera. A Inês conhecia o sítio, evidentemente, e há-de conceder-me que ninguém é obrigado a lembrar-se da saída mais fácil àquela hora, quando pela parte de baixo bastava apanhar o primeiro sinal vermelho para ficar à espera também no seguinte.

Ela fechou o casaco e, quando o fecho se prendeu no tecido, estendi a mão; a Inês puxou a aba para o lado e resolveu aquilo antes de eu lhe chegar. Fiquei com os dedos no ar, frios, e aproveitei para meter uma das minhas luvas no bolso. A outra continuou sobre a caixa. Afastei o cartão da porta e libertei as páginas de um livro que tinham ficado entaladas. A capa fechou-se torta e acertei-a com a palma.

Quando me voltei, a Inês afastava o cabelo da testa para pôr o capacete. Puxou-o sobre as orelhas com uma careta que se desfez assim que o acertou e continuou a conferir o encaixe com os dedos; eu gostava de a ver demorar-se onde precisava, sem olhar para mim, embora de fora já me parecesse tudo no sítio. O cabelo castanho-escuro ficara junto ao pescoço, com uma madeixa metida na gola.

— Tens aí cabelo.

— Onde?

Apontei e ela puxou a madeixa, ficando com a ponta da correia torcida debaixo do queixo. Estávamos à distância a que durante anos lhe chegara uma coisa sem perguntar e, quando fui buscar a correia, a Inês segurou-a antes de mim.

— Deixa, eu faço.

Recolhi a mão. Ela passou a ponta pelo fecho e puxou até ficar satisfeita.

— Posso ir contigo até à rua larga. Depois volto a pé.

— Hoje apetece-me ir sozinha, Octávio.

— Está bem. A minha ideia era só mostrar-te a saída.

A Inês abriu o assento para guardar a mala. Uma alça ficou de fora e teve de o levantar de novo, tirando as luvas da mala antes de fechar tudo. Voltou-se para mim.

— Queres que traga alguma coisa?

Pensei no pão que ainda tinha em casa. Havia o suficiente e mesmo assim agradou-me a ideia de receber outro, fresco, quase lho pedi; depois seria preciso combinar onde mo entregava e eu nem sabia quanto tempo ela tencionava andar. A Inês esperava a resposta, com as luvas numa mão e a outra no guiador.

— Para mim, nada. Obrigado.

Ela tirou a scooter do descanso e fiz-me para trás, porque ocupava o espaço de que precisava para rodar a frente. A scooter inclinou-se um pouco e a Inês segurou-a com os pés no chão, sem olhar para onde os punha. Tinha a viseira levantada e eu via-lhe os olhos verdes a acompanhar um carro que procurava lugar.

— Ao chegares lá acima, tanto podes seguir em frente como descer pelo outro lado — continuei.

— Espera, estou a calçar as luvas.

Calçou a primeira, puxando bem o punho sobre a manga; na segunda, a tira ficou dobrada e custou-lhe prendê-la com os dedos já cobertos. Esperei que acabasse. A porta mexeu-se atrás de mim e encostei-a à parede com o pé.

— Fecha quando saíres. A chave fica por dentro.

— Está bem.

O motor começou a trabalhar. Fazia um ruído pequeno, suficiente para me obrigar a levantar a voz e a Inês olhou para a rua, onde vinha outro carro. Aproveitei a espera.

— A seguir à subida tens o cruzamento. Viras à direita, passas o sítio onde costuma estar aquele carro branco…

— Qual carro?

— Ao pé da entrada. Esquece o carro. Segues até veres a rua larga.

Conhecia tão bem aquela saída que podia explicá-la sem recorrer ao nome das ruas. Fazia-a de memória, pelas mudanças de piso, revendo a largura do passeio na curva até chegar ao ponto em que convinha encostar à direita. O carro branco era uma referência dispensável, até porque ainda o não vira nessa manhã. Faltava indicar-lhe onde começava a descida, caso quisesse voltar à parte baixa sem atravessar os dois sinais.

A Inês baixou a viseira e eu inclinei-me um pouco para continuar a falar por cima do motor.

— Depois escolhes. A vantagem é saíres daqui sem teres de…

Acenou-me com dois dedos e voltou a segurar o guiador para avançar até a scooter ficar alinhada com a rua. Dei um passo, julgando que ia parar para deixar passar o carro. A Inês olhou para trás, esperou por ele e arrancou.

Fiquei com o braço meio levantado. Ainda a vi chegar à esquina, com o casaco ligeiramente cheio de ar nas costas e baixei o braço quando ela virou.

Voltei à porta. A caixa continuava no degrau, atravessada na passagem. Ao baixar-me para lhe pegar por baixo, vi uma luva no chão e olhei de novo para a esquina. Depois reconheci a costura aberta junto ao polegar. Era a minha. Apanhei-a pelo punho.

2

UMA PALAVRA QUE SABIA

Casa, mesa de leitura

— Coçado.

Na folha estavam o original e a tradução. A Inês tirou o dedo da linha quando me sentei ao seu lado; ainda vivíamos juntos e, embora a mesa desse para nos sentarmos frente a frente, eu chegara a cadeira ao canto dela. O homem da passagem vestia o casaco para sair e, antes de abrir a porta, passava os dedos pelo punho.

— Está aqui "miserável".

— Estou a ver. Punha "coçado".

Li as linhas seguintes, onde ele metia a mão no bolso, e procurei ali alguma indicação da vida que levava.

— Pode estar na miséria.

— Pode. Aqui está a vestir-se.

— "Miserável" também se diz de roupa.

— Dá logo pena. Eu queria ver o casaco.

A Inês era licenciada na área das línguas e da tradução, embora nunca tivesse trabalhado nisso. Disse-me devagar a palavra do original e, ao lê-la na frase, explicou-me o sentido sem procurar logo uma expressão portuguesa: o tecido estava gasto, continuava inteiro. Conservava o lápis atravessado nos dedos; bastava experimentar uma alteração, mesmo na última palavra, para regressar ao princípio.

— Aqui, por exemplo.

Agarrou a própria manga e passou o polegar junto ao cotovelo, a mostrar-me onde o uso faria brilhar o tecido; depois juntou os dedos e deslizou-os pelo punho, quase sem pressão, repetindo o movimento do homem.

Leu o período com a palavra que lá estava e tornou a lê-lo com "coçado"; à segunda vez, acompanhei a mão do homem até ao bolso sem me deter a pensar em como ele vivia. Disse-lhe que talvez se quisesse dar essa impressão logo à entrada.

— Só que o original ainda não ma deu.

Inclinei-me para ler a expressão que ela apontava e lembrei-me de outra palavra.

— Puído.

Experimentou-a na frase e, ao chegar à mão que passava pelo punho, voltou ao começo.

— Também podia ser.

Agradava-me ter encontrado uma palavra que deixava ver o tecido. A Inês repetiu a frase e olhou para a manga do meu casaco, que estava nas costas da cadeira.

— Com essa imagino o tecido a desfazer-se. Há fiozinhos. Com "coçado" vejo só o brilho.

Estendi o braço, muito sério, para lhe mostrar como seria um cotovelo a romper por um casaco daqueles, a ver se conseguia fazer aparecer ali o buraco.

— Assim estás a pedir que te meçam.

Ri-me e tentei explicar o que faltava ao gesto, enquanto ela afastava o meu cotovelo da folha e voltava a rir cada vez que eu o erguia. Quando o baixei, puxou a impressão para nós e tocou-me com a testa na têmpora.

— Desculpa.

— Hoje estás a dar cabo de mim.

Afastou a cabeça, a rir pelo nariz; continuámos encostados e ela ainda teve de esperar um pouco até conseguir ler.

Tirou uma bolacha do prato, cuidando de a morder sem espalhar migalhas sobre a impressão, e examinou o que lhe ficara na mão.

— Ficaram abertas.

— Ainda se comem.

— Eu estou a comer.

Partiu o resto e deu-me metade, que sabia bem, embora lhe faltasse o estalo. A Inês acompanhava a linha com o lápis, à espera de ter a boca vazia para dizer a frase.

Foi buscar o dicionário e eu afastei as duas páginas minhas que trouxera, para caber o livro; ela abriu-o perto do princípio e fechou de uma vez uma porção de folhas com o polegar, até encontrar a entrada. Ficou a ler para si. Reconheci a contracção da boca com que experimentava uma sílaba antes de dizer a palavra inteira.

— É esta. Vê.

Indicava com a unha o uso referido à roupa e inclinei-me para ler a explicação, que descrevia o desgaste de que me falara. A Inês passou também os olhos pelos outros sentidos; depois de ler um em voz baixa, tornou atrás e mostrou-me onde começava o uso que lhe interessava.

— Tu já sabes qual queres.

— Acho que sim. Queria ouvi-la.

Numa das minhas páginas, tinha assinalado uma frase comprida que queria ler de seguida, para saber se chegava ao fim sem perder o começo; com a Inês a experimentar ali o que uma palavra fazia ao conjunto, pareceu-me uma boa altura.

— Queres ouvir o fim do capítulo? Também tive de escolher uma palavra.

— Octávio, ainda estou no casaco.

Deixou o dicionário aberto e voltou à impressão, onde levou o adjectivo para o fim, experimentando outra ordem; abanou a cabeça sem chegar a completar a frase.

— Fica feio assim.

Leu com tanto cuidado que o homem demorava uma eternidade a vestir-se; a meio, já se ouvia a rir.

— Espera, agora estou a ler mal.

Voltou à ordem de antes, mudando apenas a palavra, e disse desta vez o parágrafo inteiro.

— Agora lê tu.

Li com a voz de quem vem anunciar uma descoberta e, ao fim de duas linhas, ela pôs-me a mão no antebraço.

— Normalmente.

— Estou a ler normalmente.

Ela ficou à espera. Recomecei sem carregar no adjectivo e o homem, depois de se vestir, tocou no punho e procurou o que levava no bolso; li até à porta, sempre com a mão da Inês no meu antebraço. Quando acabei, ela voltou à parte anterior.

Uma mulher falava noutra divisão e o homem não lhe respondia logo; a Inês quis ler a fala dela juntamente com o movimento de vestir o casaco. Pediu-me que segurasse a página, que começava a enrolar-se, e experimentou encurtar na leitura o intervalo entre as duas frases. Esperei uma resposta. Ouvia-o vestir-se. Na leitura seguinte, a Inês demorou um pouco mais a pausa e, sem que ele respondesse, reparei primeiro na voz que ficara na outra divisão.

— Lê tudo seguido.

A Inês começou antes da entrada do homem. Fiquei a ouvi-la. Passou pelo casaco sem parar nem voltar atrás para experimentar outra vez. Virou a folha e continuou até à descida da escada, onde ele já levava a carta na mão. Ouvia-se o ruído do papel junto ao corrimão. Já não punha na voz o relevo das comparações e ouvi primeiro a mulher, depois aquele homem que não lhe respondia, dando por mim à espera do que ele faria ao chegar à rua.

— Para quem é a carta?

— Aqui não diz.

Conferiu o verso; aproximei-me também, como se pudesse aparecer mais uma linha por sermos dois a procurá-la, e o trecho terminava mesmo ali. A Inês ainda leu a última frase para si.

— Esta deixava-a como está.

Pedi-lhe que voltasse ao começo com "miserável". Leu sem lhe dar ênfase e eu tive pena do homem antes de o ver procurar a carta.

— Experimentavas sem adjectivo?

— Aqui prefiro que se veja o casaco.

A Inês escreveu "coçado" no canto.

3

A CASA ARRUMADA

Espaço de escrita

Ponho primeiro o capacete. Tentei começar pelas razões deste livro e a Inês só aparecia ao fim de quase uma página; com a partida de scooter dispenso essa espera, ela quer sair enquanto eu tenho indicações para lhe dar. A caixa continua no degrau. Depois vem a tarde da leitura. Direi de onde vinham os livros se a explicação fizer falta.

Retomei o manuscrito em 2026, mais de dez anos depois de o deixar por acabar. Tenho páginas desse trabalho e tenho de escrever o que lhes falta, recompondo o homem que era com as palavras que hoje consigo escrever; lembro-me melhor da segurança com que explicava as coisas do que de certas frases. Posso melhorar-lhe a frase sem lhe acrescentar uma hesitação que não tinha.

Este livro é um romance. O leitor encontrará a Inês com o nome dela e a mim com o meu, em cenas que se servem de coisas vividas e falas reconstruídas. Uma pausa pode alongar-se na escrita; a voz dela, numa tarde inteira, chega-me incompleta ao fim destes anos.

Há uma passagem em que desenvolvo as razões por que me pareceu natural pedir-lhe que ouvisse o meu capítulo quando ainda estava ocupada com o casaco da tradução. Retiro-a. Mais adiante, mantenho "Fiquei a ouvi-la": gostei de a ouvir e quis saber para quem era a carta, isso também aconteceu.

Nas páginas de então, a palavra "consultor" aparece sem uma tarefa que a explique; durante anos usei-a como resposta curta. Saíra do emprego bancário e trabalhava por minha conta quando começaram os encargos pagos do Steve, por volta de 2012 ou 2013. Conhecia-o de Londres, de 2007 e 2008; já o apresentei em "A Espia". Ele punha clientes e advogados em contacto com analistas e gente da comunicação. Cada trabalho era aceite à parte, sem salário nem promessa de outra encomenda.

Gostava de encontrar uma pergunta que não coubesse na resposta preparada e, para a fazer chegar, aproximava investidores e discutia com a equipa de comunicação o momento de a tornar pública. Dirigia-me também a administrações ou reguladores. Se propusesse uma iniciativa judicial, precisava de um interessado com legitimidade própria, disposto a

submetê-la aos seus advogados. Procurava mudar respostas e calendários e, por vezes, era uma decisão que eu queria alterar. Podia marcar uma reunião sem saber se alguém aceitaria o que eu ia propor.

Num encargo de há anos, entreguei ao Steve três perguntas sobre uma alteração ao calendário de uma operação. Cruzara os comunicados com a resposta escrita enviada a um accionista e nesses textos ficava por esclarecer se a aprovação precedera o anúncio. Propus que uma delas fosse feita na reunião com investidores: "Quem aprovou esta alteração e em que data?" Recebi depois a gravação e ouvi o accionista lê-la, acrescentando uma questão sobre o preço que não constava do meu texto. A administração prometeu responder por escrito; na nota da entrega registei a promessa sem a dar por cumprida.

Antes de entregar as perguntas, recebera duas confirmações de que a aprovação já existia à data do anúncio. Agora encontro na nota duas referências sem a origem de cada informação e escrevo "origem?" na margem. Eram duas pessoas; o que cada uma vira ou recebera ficou por escrever. A pergunta podia fazer-se, conceda-me isso o leitor. Para afirmar que a aprovação precedera o anúncio, estas notas não chegam.

Deixo certos assuntos de fora enquanto correm processos, porque as respostas que exigem dependem dos documentos e dos meus advogados, por muita facilidade que eu tenha em escrever uma cena. O banco fica sem nome. Quando trouxer uma decisão para estas páginas, hei-de conservar o que decidiu, incluindo o que me desagrada. Os encargos profissionais de que falo são outra matéria, separada desses processos e da actividade associativa.

Prefiro reservar o nome de quem pagou aquele encargo. O cliente pedira uma resposta sobre o calendário naquela reunião; o accionista, que não era o cliente, explicou ao acrescentar a sua pergunta que precisava de esclarecer o preço antes de decidir o que faria às suas acções. Eu contava apenas com a pergunta que preparara. À Inês dizia "consultoria"; deixava de fora os clientes e os documentos e estas combinações ficavam por contar.

Volto à gravação e paro no princípio da pergunta. Reconheço a ordem das palavras na voz de outro homem: o meu texto está no ficheiro entregue ao Steve, o nome do accionista no registo público da reunião. De quem é a pergunta quando um terceiro a faz publicamente?

4

O DOMINGO INTEIRO

Quinta de Dinis, sala pequena

O avô da Inês manteve o cavalo no ar até eu tirar a mão do tabuleiro.

— Assim não vejo.

Tirei-a. Ele baixou a peça para a casa que eu tapava e acertou-a no centro, satisfeito, enquanto eu tentava recuperar o lance que tivera em mente antes de ele jogar. As pretas eram minhas. O rei parecia seguro e um peão avançava sem grande oposição pelo lado de lá.

Almoçáramos em Dinis, num domingo de frio de um dos anos em que passávamos o dia com a família da Inês, e eu aceitara o convite do avô para jogar na sala pequena. Já o encontrara sentado. Antes de assentar os cotovelos, passei a mão pela mesa: havia uma mancha redonda que julguei ser água.

Estava seca. Ele viu-me esfregar a madeira.

— Isso já não sai.

Pus as mãos no colo. A mesa ficava-me alta e obrigava-me a erguer os pulsos para jogar; ele só descia a mão para pegar na peça que lhe interessava e de quando em quando olhava para mim, que tentava manter a cara quieta, sobretudo ao descobrir uma ameaça que até ali me escapara.

A Inês foi aquecer-se à lareira, de frente para nós, com as mãos cruzadas à altura dos rins. Mudou o peso de um pé para o outro até se ajeitar junto da pedra, ao alcance das labaredas altas; eu via-lhe as palmas a receber o calor e, por cima, a cara atenta ao que o avô fazia, embora se distraísse a ouvir a conversa da sala ao lado.

— Já estão a jogar há muito?

— Começámos há pouco.

O avô acertou a posição de um peão.

— Ele esteve ali parado uma eternidade.

— Estava a pensar.

— Pois eu vi.

A Inês inclinou-se para o tabuleiro sem tirar as mãos de trás das costas e eu cheguei a apontar a casa, pronto a explicar por que razão não podia fazer logo a jogada que parecia evidente. Ela endireitou-se.

— Tenho os pés gelados.